

O MUNDO BARROCO DE MURILO MENDES

Ary Nicodemus Trentin

2. Estilo é também significado. É claro que esse conceito implicaria, para lançar maior clareza sobre ele, num ensaio de *Linguística Aplicada*. Mas o que tem a *Linguística* a ver com o estilo, a não ser a relação entre conteúdo e forma no plano da significação? Então, além de significado, estilo é ainda probabilidade, ou como quer Nils E. Enkvist, "um conjunto de probabilidades contextuais". Assim, estilo não pode ser entendido como abstração, ou abstrações, enformando determinados conteúdos. Para Enkvist é a frequência de itens linguísticos que caracteriza, ou melhor, que torna possível certos contextos. Dessa forma, palavras não contextualizadas ou itens linguísticos únicos, não têm significação estilística. Porém, a frequência dos itens linguísticos não é suficiente para se chegar ao estilo que não pode ser limitado exclusivamente em termos de investigação objetiva de características textuais, ou mesmo contextuais.

Poderíamos examinar todos os conceitos ou definições de estilo e talvez chegássemos à conclusão de que todos são incompletos. Mesmo Buffon, que tenta ser o mais abrangente possível, quando afirma que "L'estyle c'est l'homme même", é incompleto porque enfatiza demasiadamente aspectos individuais.

Mas então, haveria uma perspectiva que oferecesse maior clareza, ou pelo menos um âmbito de análise e compreensão maiores? Estilo literário: o que significaria esta expressão? Ou quando se afirma: "tal escritor tem tal estilo", o que se quer dizer com isso?

O estilo, em literatura, deve ser entendido na sua relação de reciprocidade como o próprio fenômeno literário. Parece que essa perspectiva abre um caminho mais razoável, quem sabe mais coerente. Não que estilo se confunda com a especificidade do fenômeno literário, ou com aquilo que é a forma de um conteúdo literário. Isso redundaria em alguns problemas muito complexos de or-

dem estética ou em discussões vazias, como por exemplo: estilo é arte? Arte é estilo?

Relacionar estilo com o fenômeno literário significa, antes de tudo, um salto para dentro da obra literária e, nesse processo, a tentativa de descobrir seu modo próprio de se realizar como arte. Então, estilo é um modo de ser, um modo de estar no mundo. É no universo da obra literária tomada como um todo que o estilo deve ser buscado. É evidente que há instrumentos para se proceder a essa busca. Para José Luiz Martin, esses instrumentos equivalem aos passos de uma análise estilística: estrutura da obra literária, temática, caracterização, tropologia, simbologia, morfo-sintaxe, lexicologia, fonologia, métrica.

2. Nessa perspectiva, ou seja tentando mergulhar em alguns momentos da obra de Murilo Mendes, este trabalho pretende mostrar que o mundo desse poeta é um mundo barroco. Então, estilo aqui não é estilo de época, circunscrito a uma certa cronologia, mas um modo de ser ou de estar no mundo, ou ainda um modo de entender poeticamente o mundo. É claro que não se vai encontrar na obra de Murilo Mendes as tendências e mesmo as realizações formais predominantes no barroco como estilo de época. Encontramos o essencial do barroco que é a tentativa de conciliar elementos antitéticos. Parece que esse é o núcleo essencial da poesia de Murilo Mendes, pelo menos em alguns de seus momentos mais significativos. Constata-se também em sua obra poética (mas isso é secundário) propensão para uma forma que se abre em limites indeterminados, de contornos imprecisos, uma forma que se firma em recursos sensoriais ou tácteis e que, portanto, não contém apenas a informação estética, mas principalmente a comunica num grau de tensão além da plenitude intelectual e contemplativa.

3. Já a primeira poesia de Murilo Mendes, "Poemas", revela uma perspectiva barroca: a revelação da presença do homem em conflito, elucidado através da linguagem com o recurso às metáforas, à agressividade de vocábulos contrastantes e, principalmente, elaborado pelo jogo livre e arbitrário entre abstrato e concreto, lucidez e delírio, realidade e mito, entre o material e o espiritual:

Múltiplo, desarticulado, longe como o diabo,
nada me fixa nos caminhos do mundo.

(Cantiga de Malazarte — Poemas)

Sou a luta entre o homem acabado
e um outro homem que está andando no ar.

(A Luta — Poemas)

Me puseram o rótulo de homem, vou rindo, vou andando
aos solavancos.

Danço. Rio e choro, estou aqui, estou ali, desarticulado,
gosto de todos, não gosto de ninguém, trabalho com os
espíritos do ar,

alguém da terra me faz sinais, não sei mais o que é o

bem nem o mal.

(Mapa — Poemas)

E quando o poeta diz de si mesmo que "todo o meu ser procura romper o seu próprio molde", assume, com isso, a contradição, o dilema, o dilaceramento, ou se quisermos, as antíteses de seu tempo, o que revela seu compromisso com a história e a sociedade.

4. É a partir de "O Visionário" que Murilo Mendes desenvolve, num âmbito bem mais profundo, sua estética de conciliador de contrários. Seria possível afirmar que esse livro é o registro de sua conversão ao cristianismo? A verdade é que "O Visionário" traz o selo de uma experiência profundamente religiosa, marcando assim o processo de conversão do poeta: Cristo foi sempre a encarnação dicotômica homem-Deus, mistério em que Murilo Mendes funda os ciclos definidores de sua poesia. O finito e o infinito, o visível e o invisível, o tautológico e o heterológico, a carne e o espírito não são realidades impossíveis de conciliar, mas fundem-se ontologicamente, como componentes essenciais do cosmos, propensos ao absoluto, mas condicionados a uma experiência terrestre:

Sou ligado pela herança do espírito e do sangue
Ao mártir, ao assassino, ao anarquista,
Sou ligado
Aos casais na terra e no ar,
Ao vendeiro da esquina,
Ao padre, ao mendigo, à mulher da vida,
Ao mecânico, ao poeta, ao soldado,
Ao santo e ao demônio,
Construídos à minha imagem e semelhança.

(Solidariedade — O Visionário)

Deram-me um corpo, só um!
Para suportar calado
Tantas almas desunidas
Que esbarram umas nas outras,
De tantas idades diversas;
Uma nasceu muito antes
De eu aparecer no mundo,
Outra nasceu com este corpo,
Outra está nascendo agora,
Há outras, nem sei direito,
São minhas filhas naturais,
Deliram dentro de mim,
Querem mudar de lugar,
Cada uma quer uma coisa,
Nunca mais tenho sossego.
Ó Deus, se existis, juntai
Minhas almas desencontradas.

(Choro do poeta atual — O Visionário)

5. "O Visionário" não é um livro de organização unitária que possa ser destacado no conjunto da obra de Murilo Mendes, mas é suficiente para evidenciar que a conversão do poeta não o afasta das ligações com o mundo visível.

Porém, em "Tempo e Eternidade", uma experiência poética vivida com Jorge de Lima, é que Murilo Mendes vai registrar melhor o seu processo de conversão. E aqui também ele se mostra um profundo conciliador de realidades antitéticas. Por isso instala-se, mesmo em sua linguagem, uma confusão entre os sentidos e o pensamento, entre o corpo e a alma:

Nasci de mil vidas superpostas.

(...)

Vim para experimentar dúvidas e contradições.

(Vocação de poeta — Tempo e Eternidade)

porque não me contenho nos limites do mudo.

(Salmo n.º 1 — Tempo e Eternidade)

É a perspectiva de cristianismo de que fala Teilhard de Chardin para nossa época: "Em um primeiro tempo, o cristianismo pudera parecer fechar-se às aspirações humanas do mundo moderno. Em um segundo tempo, devia retificá-las, assimilá-las e salvá-las" (T. de Chardin, "L'énergie humaine").

Eu sou da raça do Eterno.

Fui criado no princípio

E desdoblado em muitas gerações

Através do espaço e do tempo.

Sinto-me acima das bandeiras,

Tropeçando em cabeças de chefes.

Caminho no mar, na terra e no ar.

Eu sou da raça do Eterno,

Do amor que unirá todos os homens:

Vinde a mim, órfãos da poesia,

Choremos sobre o mundo mutilado.

(Filiação — Tempo e Eternidade)

6. "A poesia em Pânico" constrói-se sobre outra aparente contradição: dúvida/certeza. E assim Murilo Mendes vai elaborando sua poética de conciliador de contrários. A perspectiva temática desse livro bem o demonstra: de um lado, o ímpeto do amor, a glorificação da vida, a graça do encontro, a presença de Deus; de outro lado, a materialidade imediata das coisas. E tudo em pânico diante de Deus e da mulher. Formalmente, Murilo Mendes passa de uma operação metafórica de efeito conotativo e ornamental, para uma concreção da imagem, para um ajustamento do significante ao significado, para uma adequação da palavra ao objeto. Dessa forma, o encadeamento dialético da linguagem anterior mostra-se mais transparente por meio desse processo. Há, portanto, um avanço

no seu itinerário poético. As oposições, os antagonismos, as contradições continuam existindo, mas revelam uma perspectiva mais serena e amadurecida na direção de atitudes mais permanentes ou de um homem inserido no mundo, mas em questionamento permanente. O poeta está agora mais maduro. Apesar do "pânico", mostra-se dominando o processo criador. O "EU" de seu discurso confessional lírico supõe agora a contrapartida de um "OUTRO". "A Poesia em Pânico" é uma exaltação do amor.

A marcha das constelações me segue até no lodo.
Estendo os braços para separar os tempos
Endico ao navio de poetas o caminho do pânico.
Quem sou eu? a sombra ambulante de meus pais até o
primeiro homem,
Quem sou eu? Um cérebro deixado em pasto aos bichos,
Sou a fome de mim mesmo e de todos,
Sou o alimento dos outros,
Sou o bem encarcerado e o mal que não germina.
Sou a própria esfinge que me devora.

(Conhecimento — A Poesia em Pânico)

Na Igreja há pernas, seios, ventres e cabelos
Em toda a parte, até nos altares.
Há grandes forças de matéria na terra no mar e no ar
Que se entrelaçam e se casam reproduzindo
Mil versões dos pensamentos divinos.
A matéria é forte e absoluta
Sem ela não há poesia.

(Poema espiritual — A Poesia em Pânico)

7. A dualidade de movimentos da poesia de Murilo Mendes continua em "As Metamorfoses". Se em "A Poesia em Pânico" houve uma exaltação do amor, agora o poeta retorna à angústia existencial anterior, à preocupação com o coletivo, com o mundo a caminho da queda. Os dois polos que agora centralizam o conflito são os sentidos desenfreados em oposição à vigilância do espírito. O poeta procede agora a uma inquirição sobre a própria identidade.

Ninguém moverá para mim
A máquina do sonho e da noite.
Eu a moverei.
(...)
Fui construído a golpes de angústia
(Vigília — As Metamorfoses)

Conduzo sempre comigo
A fração da eternidade necessária.
(A extensão dos tempos — As Metamorfoses)

Mulher
Ora opaca ora translúcida
Submarina ou vegetal
Assumes todas as formas,
Desposas o movimento.

Sinal de contradição
Posto um dia neste mundo
Tu és o quinto elemento
Agregado pelo poeta
Que te ama e te assimila
E é bebido por ti.

Tu és na verdade, mulher,
Construção e destruição.

(Mulher — As Metamorfoses)

8. "Mundo Enigma" continua o itinerário poético de Murilo Mendes. O livro não apresenta novidade com relação aos movimentos anteriores, a não ser detalhes de vocabulário e versos menores. Decifrar o mundo não interessa mais, ele é mesmo um enigma, o "claro enigma" de Drummond. Mesmo assim o movimento dialético continua a ser a sustentação básica de sua poesia. Aqui, Murilo Mendes chega até o físico e o tátil com sua imagem mentalizada do mundo: cavalos da aurora, portas da noite, céu de avenças e bronze, relógios e cristais... Trata-se de uma estratégia de equilíbrio para sustentar a "irrealidade" da vida através de uma linguagem plástica, visual e auditiva.

É então que viro a bela imagem azul-vermelha:
Apresentando-me o outro lado coberto de punhais,
Nossa Senhora das Derrotas, coroada de goivos,
Aponta seu coração e também pede auxílio.

(Poema barroco — Mundo Enigma)

9. O jogo das contradições imagísticas e das correspondências metafísicas prossegue em "Poesia Liberdade". Utilizando tropos que pertencem ao mundo físico, o poeta os identifica com metáforas do mundo metafísico. E porque o poeta não abre mão de uma intervenção crítica em sua poesia, ele também dá a ela uma organização interna e final: dramaticidade barroca realizada através de recursos tácteis, visuais, auditivos e concretos. Esse processo de composição dá organicidade e homogeneidade à obra de Murilo Mendes. Em "Poesia Liberdade" o alinhamento dessa equação criadora realiza-se em sua maior evidência. A antítese loucura/lucidez põe, de um lado, o mundo visível em sua tactibilidade, de outro

o mundo invisível em seu enigma. Os sonhos são realidade, a realidade é um sonho. Essas faces contraditórias é que fazem a estrutura de coesão de "Poesia Liberdade".

Dos telhados abstratos
Vejo os limites da pele,
Assisto crescerem os cabelos dos minutos
No instante da eternidade.
Vejo ouvindo, ouço vendo.

Considero as tatuagens dos peixes,
O astro monossecular.
Os rochedos colocam-se máscaras contra pássaros
[asfixiantes,
A grande Babilônia ergue o corpo de dólares.
Ruído surdo, o tempo oco a tombar...
A espiral das gerações cresce.

(Aproximação do Terror — Poesia Liberdade)

Por que achar o fio do Labirinto?
O importante é viver dentro dele.

(Maran Atha — Poesia Liberdade)

10. "Contemplação de Ouro Preto" revela a mineiridade de Murilo Mendes: são suas raízes barrocas evidenciadas na mescla do espiritual e do profano, da exuberância mística e da presença física. Nesse livro ela parte para a localização tátil e visual do barroco. Se nos momentos anteriores o barroco constituía a movimentação essencial e antitética de seu mundo, ou de seu processo de criação poética, agora ele assume o detalhamento da expressão plástica, através de uma linguagem que se entrega afetivamente às suas raízes. Então, a procurada harmonia de suas contradições compõe-se agora com menos dilaceramento verbal do que em sua poética anterior.

Vi a cidade barroca
Sem enfeites se levantar.
Nem flores eu pude ver,
Flores da vida fecunda,
Nesta áspera Ouro Preto,
Nem veras flores eu vi
Nascidas da natureza.

(Flores de Ouro Preto — Contemplação de Ouro Preto)

O barroco procura conciliar real e irreal, luz e sombra, claro

e escuro, matéria e espírito. Talvez nisso resida sua perspectiva ilusionista. Em Murilo Mendes esse universo se amplia. Significa a multiplicação da poesia, o desdobramento da poesia, porque, fundamentalmente, nela está a tensão máxima: vida e morte.